

PE. MANUEL FERNANDO SOUSA E SILVA

# MARIA, A ESPOSA VIRGINAL DE JOSÉ



## INTRODUÇÃO

### A URGÊNCIA DO REDENTOR

Deus formou os nossos primeiros pais do barro frágil da terra, insuflou-lhes a vida e elevou Adão e Eva à condição de filhos de Deus pela graça santificante, para que, depois de um tempo de prova na terra, pudessem participar da eterna felicidade da Santíssima Trindade no Céu. Colocou-os no Éden, o paraíso terrestre, ordenando-lhes que o cultivassem e deu-lhes o preceito de crescerem, corporal e espiritualmente, e de se multiplicarem. Deus desejava partilhar com a maior multidão possível de seres, angélicos e humanos, a sua felicidade infinita.

A inveja de Satanás, expulso do Céu por causa da sua soberba, levou Adão e Eva, nossos primeiros pais, à desobediência. Pouco importa saber em que consistiu concretamente essa desobediência, mas sim reconhecer os seus efeitos: Adão e Eva perderam toda a riqueza sobrenatural com essa infidelidade. Deus, que “sonhara” em torná-los felizes nesta vida e na outra, submetendo-os a uma pequena prova, viu o seu projeto de amor ferido pela desobediência humana.

O Amor, por natureza, é expansivo. Deus, comunhão perfeita de Verdade e de Amor entre as Três Pessoas Divinas, quis tornar participantes dessa felicidade os anjos e os homens. Contudo, entre os anjos surgiu a rebelião, fruto da soberba, e assim nasceram os demónios, fonte do mal no mundo. Uma terça parte dos anjos tornou-se, de súbito, inimiga de Deus e invejosa dos homens.

Diante dessa catástrofe, Deus respondeu com um projeto salvador maravilhoso: o mistério da Encarnação. A Segunda Pessoa da Santíssima Trindade viria a assumir a nossa débil natureza, tornando-Se um de nós, partilhando as nossas limitações em tudo, exceto no pecado. O Senhor, porém, atua sempre por meio das suas criaturas, manifestando assim a sua infinita sabedoria, onnipotência e misericórdia.

Para a realização desse projeto de Amor, era necessária uma Mãe que oferecesse a nossa natureza ao Verbo de Deus. Desde toda a eternidade, Deus preparou e elegeu Maria para essa missão. Tal como, no combate celeste, elegeu o Arcanjo São Miguel para vencer a soberba de Lúcifer, assim escolheu Maria para enfrentar a serpente infernal na sua guerra contra os filhos de Deus. «Travou-se então uma batalha no Céu: Miguel e os seus anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou juntamente com os seus anjos, mas foi derrotado, e no Céu não houve mais lugar para eles» (Ap 12,7-8).

Para ser Mãe do Redentor e medianeira na luta contra o mal, Deus cumulou a sempre Virgem Maria de graças e privilégios singulares, colocando-a a uma distância infinita da peçonha da serpente infernal ao criá-la imaculada na sua conceição. Confirmou-a na fidelidade perfeita ao seu Criador. E, de facto, a primeira virtude de quem lidera um exército é a fidelidade àquele que lhe confia o poder.

A maior e mais perfeita comunhão entre Deus e uma criatura deu-se em Maria, a eleita do Senhor. Podemos e devemos segui-la com fidelidade, pois ela conduz-nos à fidelidade a Jesus Cristo e, por meio d'Ele, ao Pai, no Espírito Santo, até ao Paraíso.

Maria é a expressão mais pura da correspondência fiel ao Amor de Deus. Nenhuma criatura amou tanto o Senhor nem

correspondeu de forma tão perfeita às graças e aos dons recebidos. Da união amorosa com ela depende a nossa união com Cristo e, portanto, a vitória final sobre o mal. Por isso, o Inimigo esforça-se tanto para nos afastar dela.

Todos desejamos o Céu, essa aspiração mais profunda do coração humano. Maria conduz-nos até lá. Assim o revelou em Fátima, em 13 de junho de 1917, quando Lúcia lhe pediu: «Queria pedir-lhe para nos levar para o Céu!» E Nossa Senhora respondeu: «Sim, à Jacinta e ao Francisco levo-os em breve.» Um dia também virá ao nosso encontro, para nos levar nos seus braços maternos, cheios de confiança e de amor, à felicidade eterna.

Falamos da eleição de Maria. Eleger por Amor é ver apenas aquela pessoa escolhida, como se mais ninguém existisse. Assim foi com Deus e Maria. Ele fixou nela o seu olhar desde toda a eternidade. Nunca uma criatura amou tanto o Senhor como a Virgem Santa Maria. Com fidelidade inigualável, correspondia a cada graça recebida. A cada raio de luz divina que sobre ela descia, respondia com uma nova flor de generosidade e de amor.

Deus quis também oferecer-nos a alegria de contarmos com o amor materno de Maria. Ela é verdadeiramente nossa Mãe, Mãe da vida divina que recebemos no Batismo. Confirmemos, pois, no nosso coração, com amor e alegria, a eleição que o Senhor fez dela. Por isso cantamos com fé:

*Desde toda a eternidade,  
sois a Eleita do Senhor.*

## VINDE LOUVAR A MÃE!

Este livro não pretende ser um tratado de exegese bíblica sobre os textos marianos, nem se propõe a ser uma obra de história. Limita-se a considerar alguns elementos essenciais de ambas as áreas, apenas o suficiente para garantir um mínimo de credibilidade. Também não se pode chamar propriamente uma biografia, pois o autor reconhece as inevitáveis lacunas que subsistem no relato da vida de Nossa Senhora.

Trata-se, antes, de um texto nascido do coração, um coração enamorado e profundamente agradecido pelos incontáveis favores recebidos. O seu propósito é simples e sublime: tornar Maria, Mãe de Jesus, mais conhecida, para que seja mais amada e louvada.

São Bernardo afirmava que nunca se falará nem se escreverá o bastante acerca de Maria — de Maria *nunquam satis* —, e por isso permanece sempre aberta a possibilidade de entoar um novo cântico de louvor àquela que aceitou ser nossa Mãe junto à Cruz, naquela tarde sombria em que Jesus, no dizer de São João Paulo II, fez um testamento admirável ao dá-la por Mãe à Humanidade.

Quem seria capaz de reunir e contar todos os textos escritos ao longo de dois milénios, nascidos do amor e da devoção à Mãe de Deus e nossa Mãe? Eis aqui mais um, redigido com carinho e gratidão, fruto de uma vida marcada por tantos sinais de ternura materna recebidos de Maria.

É um livro ditado pelo amor filial, ainda que expresso com voz rouca e desentoada — como a de uma criança que canta

à sua mãe, sem técnica nem harmonia, mas com ternura verdadeira. As mães não reparam no valor nem na perfeição das ofertas dos filhos pequenos; olham antes o sorriso com que estes lhes estendem as mãos. Assim também Maria, com o olhar iluminado pelo amor materno, transforma em ouro o que não passa de barro quebradiço.

Vinde comigo! Reunamo-nos em torno da sua imagem para elevarmos juntos o nosso cântico:

Sois toda bela, ó Maria,  
e em vós não há mancha original.  
Vós sois a glória de Jerusalém,  
vós sois a alegria de Israel.  
Vós sois a honra do nosso povo,  
vós sois a advogada dos pecadores.  
Ó Maria, Virgem prudentíssima,  
Mãe clementíssima,  
rogai por nós,  
intercedei por nós,  
na presença do Senhor Jesus Cristo<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Tota pulchra es, Maria, / Et macula originalis non est in Te. / Tu, gloria Jerusalem. / Tu letitia Israel. / Tu honorificentia populi nostri. / Tu advocata peccatorum. / O Maria, Virgo prudentissima, / Mater clementissima. / Ora pro nobis. / Intercede pro nobis. / Ad Dominum Jesum Christum.* Antiga oração católica, escrita provavelmente no século IV. Faz parte das cinco antífonas dos salmos das segundas vésperas da Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria.

## UM GRITO DE CONFIANÇA FILIAL

As imediações da gruta de Massabielle, em Lourdes, estavam repletas de fiéis que haviam participado na celebração da Missa festiva. Preparava-se agora o momento solene da bênção dos doentes. Alinhados em cadeiras de rodas, cada um com uma enfermeira impecavelmente vestida de branco da cabeça aos pés, os enfermos eram numerosos e variados — diferentes idades, diferentes rostos, diferentes esperanças. A sua presença ali, junto da gruta das aparições de Nossa Senhora a Bernardette, era um testemunho silencioso da dor humana e da fé viva.

Em cada um deles, o coração batia mais depressa, movido pela esperança de uma cura. Ao som dos cânticos eucarísticos, acompanhados pelo órgão da basílica que lhes emprestava grandiosidade e emoção, o bispo que presidia, paramentado, erguia nas mãos a custódia com a sagrada Hóstia, enquanto a umbela dourada realçava a solenidade do momento. O Santíssimo Sacramento ia passando lentamente entre os doentes, abençoando-os um a um.

No vasto recinto, ouvia-se o murmúrio das orações — um coro de súplicas, de lágrimas e de fé na Presença Real de Cristo e na esperança da cura. Lourdes tornou-se célebre pelos seus milagres frequentes e impressionantes, ao ponto de se ter constituído uma comissão permanente para estudar e verificar cada caso de cura milagrosa.

Ali ao lado, nas piscinas onde os doentes são mergulhados, dá-se um fenómeno admirável. A água é gelada, pois Lourdes encontra-se no sopé dos Pirenéus, e lá no alto, no Pic du Jer,

com 915 metros de altitude, há neve permanente. Quando, na primeira aparição, na manhã de 11 de fevereiro de 1858, as duas companheiras de Bernardette mergulharam os pés descalços na água de um braço do rio Gave para o atravessarem, começaram a chorar de tão fria que estava.

Nas piscinas, mergulham-se doentes de todos os tipos — cancerosos, tuberculosos, febris, com escarlatina, micoses ou outras enfermidades graves. São deitados em macas e submersos por completo na água gelada. O simples choque térmico, entre a água fria e a temperatura elevada de alguns corpos, seria suficiente, em muitas circunstâncias, para provocar a morte. Além disso, a água poderia facilmente transmitir doenças contagiosas. Contudo, as investigações confirmaram algo extraordinário: quem não sai curado não sai pior. Nunca houve um único caso de contágio ou de morte após o banho, mesmo entre os doentes em estado crítico.

Estas águas, que começaram a brotar dentro da gruta quando Bernardette, obedecendo à ordem da Aparição, escavou a terra húmida para se lavar, foram, nos primeiros tempos, motivo de grande polémica. As autoridades locais chegaram a proibir o acesso à gruta, erguendo um tapume; mas Bernardette continuava a ver Nossa Senhora acima da barreira. Pouco depois, o impedimento teve de ser removido, pois até o filho do imperador quis ser banhado nas águas milagrosas.

Tentou-se, então, atribuir as curas a propriedades físicas excepcionais daquelas águas. Porém, após análise química, concluiu-se que nada nelas havia de extraordinário. O racionalismo da época, desafiado pelos factos, viu-se forçado a dobrar o joelho diante do sobrenatural.

Voltemos à bênção dos doentes. A procissão avança lentamente, e o bispo detém-se junto de cada enfermo, traçando sobre ele, com o Santíssimo Sacramento nas mãos, o sinal da cruz. O olhar de cada doente segue ansioso o movimento da custódia, como se o próprio Cristo estivesse a passar diante dele.

Entre tantos, havia um homem que viera cheio de fé e esperança, convicto de que sairia dali curado. Quando, porém, o bispo traçou sobre ele o sinal da cruz, nada aconteceu. Então, rompeu-se o silêncio com um grito, repetido com veemência e ternura, como o clamor do cego de Jericó:

– Senhor! Não me curastes! Vou dizê-lo à vossa Mãe!

Jesus Cristo, presente na Hóstia consagrada, deve ter-Se comovido com aquela queixa tão filial, que transbordava confiança na intercessão da sua Mãe Santíssima. E, subitamente, aquele homem ficou curado.

A vontade de Nossa Senhora, na Igreja e no mundo, nunca se opõe à vontade de Deus; pelo contrário, reforça as nossas súplicas com os seus méritos e alcança-nos, com amor materno, aquilo que pedimos com fé.

Vale sempre a pena bater à porta do Coração da Mãe, pedindo, com total confiança, a sua mediação.

# ÍNDICE

|                                                                         |     |
|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO   A URGÊNCIA DO REDENTOR .....                               | 5   |
| Vinde louvar a mãe! .....                                               | 8   |
| Um grito de confiança filial .....                                      | 10  |
| <br>                                                                    |     |
| I   MARIA NAS PROFECIAS<br>DO ANTIGO TESTAMENTO .....                   | 13  |
| II   FIGURAS DE MARIA NO ANTIGO TESTAMENTO .....                        | 17  |
| III   TÍTULOS E PRIVILÉGIOS DA MÃE DE DEUS .....                        | 31  |
| IV   AS ORIGENS HUMANAS DE MARIA<br>E A NATIVIDADE DA MÃE DE DEUS ..... | 85  |
| V   A ANUNCIAÇÃO DO ARCANJO SÃO GABRIEL .....                           | 107 |
| VI   A VISITAÇÃO A SANTA ISABEL .....                                   | 119 |
| VII   A PROVA DE FOGO: AGONIA<br>E ANUNCIAÇÃO A SÃO JOSÉ .....          | 131 |
| VIII   O NASCIMENTO DE JESUS EM BELÉM .....                             | 139 |
| IX   A VIDA DE UMA FAMÍLIA NORMAL .....                                 | 177 |
| X   A DIMENSÃO RELIGIOSA<br>DA SAGRADA FAMÍLIA .....                    | 191 |
| XI   A CRUZ NA SAGRADA FAMÍLIA .....                                    | 199 |
| XII   MARIA NO EVANGELHO .....                                          | 205 |
| XIII   MARIA NA PAIXÃO DE JESUS .....                                   | 215 |
| XIV   MARIA, MÃE DA IGREJA .....                                        | 229 |
| XV   A GLORIFICAÇÃO DE MARIA .....                                      | 241 |
| XVI   MARIA, MÃE SOLÍCITA DA IGREJA .....                               | 249 |
| <br>                                                                    |     |
| EPÍLOGO   MARIA, NA VIDA DE CADA DIA .....                              | 255 |